

## Protocolo de Quioto

# O peso dos EUA

UMA AÇÃO dos EUA para acelerar a eliminação do uso de gases que danificam a camada de ozônio teria o dobro do resultado do Protocolo de Quioto no combate ao aquecimento global. A opinião é de James Connaughton, presidente do Conselho de Qualidade Ambiental da Casa Branca. Segundo ele, os EUA vão propor que o prazo para a eliminação do uso dos gases HCFC, utilizados em geladeiras e aparelhos de ar-condicionado, seja antecipado em dez anos.

Pelos cálculos da Casa Branca, a eliminação desses gases produziria pelo menos o dobro de reduções de gases do efeito estufa resultantes do Protocolo de Quioto. O acordo internacional propõe aos países desenvolvidos a redução de suas emissões de gases responsáveis pelo aquecimento. Os EUA não aderiram ao Protocolo, sob a alegação de que suas regras prejudicaram a economia do país.

A UE se propõe a reduzir suas emissões de carbono, até 2020, para 20% abaixo dos níveis de 1990. O bloco europeu aceita elevar a meta para até 30%, caso outras nações importantes também concordem com uma redução global.

### Metas

O ministro do Meio Ambiente da Alemanha, Sigmar Gabriel, afirmou, no mês passado, que 20 dos países mais poluentes do mundo aceitaram discutir a adoção de metas compulsórias para reduzir as emissões de gases do efeito estufa.

As medidas serão discutidas durante a conferência sobre clima marcada para dezembro, em Bali, na Indonésia. Para a ONU, os países desenvolvidos deveriam reduzir suas emissões em 30% até 2020 e

em 60% até 2050, tomando por base os níveis de 1990. Pela proposta da ONU, países em desenvolvimento, casos da Índia e da China, teriam uma meta diferente.

### Créditos

Em setembro, durante a visita do presidente Lula a Helsinque, Brasil e Finlândia assinaram memorando de entendimento para projetos de desenvolvimento limpo, dentro do Protocolo de Quioto. O Brasil pretende conseguir parte dos 200 milhões de euros que os finlandeses vão destinar a projetos do tipo. O documento assinado pelos dois países prevê a troca de informações sobre os chamados mecanismos de desenvolvimento limpo (MDL) do Protocolo de Quioto.

Pelo regulamento dos MDL, países desenvolvidos com metas de redução das emissões de gás carbônico podem investir em projetos que reduzam as emissões em qualquer outra parte do mundo e creditarem as emissões não realizadas em sua cota.

Os impactos do aquecimento global, consequência do acúmulo dos gases efeito estufa na atmosfera, foram avaliados pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPPC), órgão das Nações Unidas que reúne informações e pesquisas de mais de 2.500 cientistas de várias partes do mundo.

Em fevereiro de 2007, o relatório do IPCC afirmou que a ação humana é a principal responsável pelo aquecimento global. O segundo relatório, datado de 6 de abril de 2007, tratou dos impactos das mudanças climáticas, dedicando um dos seus capítulos à América Latina.

No documento, o IPCC mostrou que o nível dos oceanos já está subindo, colo-

cando em risco a vida de pelo menos 100 milhões de pessoas, que vivem a menos de um metro acima do nível do mar. O relatório alertou ainda que as populações da Índia e da China podem passar fome, uma vez que o aquecimento global pode reduzir a produção de alimentos.

Também correm risco os mananciais de água doce. Na Amazônia, há risco de secas severas, como a que ocorreu em 2005, se repetirem. O aquecimento do Terra pode ainda transformar a floresta em uma vegetação parecida com a do cerrado. No Nordeste do Brasil, a elevação da temperatura pode comprometer os lençóis freáticos, aumentando as áreas áridas.

Terceiro relatório do IPCC saiu no dia 4 de maio de 2007 com uma mensagem mais otimista. É possível deter o aquecimento global, desde que se reduza drasticamente as emissões de gases poluentes. Para salvar o Planeta, o IPCC propõe como meta a redução entre 50% e 85% das emissões de CO<sub>2</sub> até a metade do século.

### Zoneamento agrícola

As mudanças climáticas podem exigir alterações no zoneamento agrícola. Algumas culturas terão que migrar para outras regiões do País, para que o cultivo possa ser sustentado. A previsão é de Eduardo Assad, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Para ele, na hipótese de um aumento de 5,8°C na temperatura da Terra no prazo de 100 anos, a geografia agrícola do Brasil sofrerá grandes mudanças. Minas, São Paulo e Paraná vão deixar de plantar café, que vai buscar temperaturas mais amenas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Soja, milho, arroz e feijão também vão sofrer com o aquecimento global. Para Assad, será preciso alterar a genética das plantas para que elas possam suportar o calor. E mesmo assim, em muitos casos, haverá necessidade de migração dos plantios.

A soja, por exemplo, deixaria as zonas de risco, como o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, para lugares mais altos, como o cerrado. O aumento de 5,8°C na temperatura poderia reduzir em 60% a produção de soja. ■